

1616 - 2016: GALILEU E A INQUISIÇÃO, 400 ANOS

O CONFLITO FÉ/CIÊNCIA CONTINUA, MAS ESSE JÁ NÃO É O PROBLEMA

JOSÉ MARIA VIGIL

Panamá, Panamá

Em 3 de fevereiro de 1616 a Inquisição proibiu Galileu de ensinar que a Terra gira ao redor do Sol. O assédio foi se tornando mais intrincado, até que Galileu teve que “abjurar” diante da Inquisição tudo o que havia escrito e ensinado para que não fosse torturado, ainda que tenha sido condenado à prisão domiciliar perpétua. Poucos anos antes Giordano Bruno (Roma 1600) e Etienne Dolet (Paris 1546) foram queimados vivos pelos católicos, e Jacques Grouet (Genebra, 1547) e Miguel Servet (1553) pelos calvinistas. Em contradição com o Evangelho, o Cristianismo histórico buscou controlar o pensamento com rigor e sem piedade. O caso de Galileu é emblemático, porque ele sintetiza, de forma cristalina, o conflito entre a Igreja e a Ciência; isto é, se a instituição eclesial aceita ou não que a Ciência faça suas próprias afirmações e que os cristãos possam aceitá-las ainda que pareçam ir ao contrário da doutrina cristã. Galileu era um cristão piedoso, e nunca opinou sobre as ortodoxias em debate; limitou-se a suas descobertas no âmbito da ciência experimental: viu que o Sol não girava ao redor da Terra, e sim o contrário, e que a Lua e os planetas não eram seres celestiais feitos de matéria incorruptível, e sim corpos astronômicos como a própria Terra.

A “descoberta” de Galileu confrontava a cosmologia geo-antropocêntrica vigente, baseada na própria Bíblia (livro de Josué) e que, misturada com a teoria astronômica platônica e aristotélica, era tida como doutrina oficial. A Igreja Católica condenou o heliocentrismo, desilusiva, por remover a humanidade do seu trono no centro do cosmo (demorou quase três séculos para aceitar a teoria). Em 1992 a Inquisição, agora chamada Congregação para a Doutrina da Fé, erigiu uma estátua de Galileu nos jardins do Vaticano. Em seu discurso, João Paulo II expressou uma ideia utópica: o conflito fé/ciência pertence ao passado. É possível ser cristão e aceitar o heliocentrismo.

Mas depois de Galileu, a astronomia fez novas descobertas que não foram menos desilusórias para as doutrinas que, tendo aceitado o fim do geocentrismo,

defendia de forma ferrenha o antropocentrismo: nossa espécie humana continuava sendo o centro (não o centro geométrico do sistema solar, mas ainda o centro do sentido do cosmo, a finalidade de Deus ao criar o mundo...).

De fato, a partir de então, a astronomia ainda disse mais: que o Sol também não era o centro, nem o Astro-Rei, e sim que ele se encontrava na periferia de uma galáxia que, por sua vez, gira em torno de um ponto desconhecido do universo, e que é apenas uma entre bilhões de outras galáxias distribuídas caoticamente sem nenhum centro... Mas a Inquisição já não incomodou nenhum cientista por prolongar e aprofundar as descobertas “decepcionantes” de Galileu. A partir de 1996, a ciência astronômica se voltou para a exploração do universo na busca dos “exoplanetas”, planetas em torno de outras estrelas. Nestes poucos anos já encontraram algo como 2000, mas sabe que há trilhões deles por todo o cosmo. Além disso, calculam que, com apenas uma pequena porcentagem deles situados em distâncias passíveis de abrigar vida, seriam ainda milhões e milhões os planetas em que existe vida. Vida vegetal? Vida animal? Vida humana? Vida espiritual? A ciência não descobriu ainda um só planeta com vida, mas está certa de que “não estamos sós” neste universo, que pode haver milhões de mundos habitados. E foi por defender essa tese que Giordano Bruno foi queimado vivo.

Mas a *Congregação para a Doutrina da Fé* já não diz nada. Decidiu que, entre fé e astrofísica, não vai haver um conflito, e se não o há é tão somente porque “dois não brigam onde um não quer”. Até o Observatório Astronômico do Vaticano permitiu-se insinuar a possibilidade de existência de outros tipos de vida diferentes das que conhecemos.

Ficou assim resolvido o conflito entre a ciência e a fé? Observando atentamente a situação atual, podemos dizer que não. Apesar de a atual Inquisição não falar disso, é com outras Ciências com que se segue em conflito, como a antropologia e a epistemologia, por exemplo. Ainda que com a cautela que caracteriza

hoje o método científico, estas ciências acreditam ter hipóteses plausíveis sobre de onde vêm e como se formou a religião, sobre como ela funciona e em que fundamentos aceita o conhecimento, fazendo-nos ver que o que temos dito e seguimos dizendo a respeito disso, a partir do campo da fé deixa muito a desejar, ou é desqualificado pelas “descobertas” atuais da Ciência, também consideradas “decepcionantes” por aqueles que sentem saudades dos tempos em que ocupavam o centro não do espaço, mas do sentido. Nisso talvez possa ser buscada a razão do confronto atual entre as religiões e o mundo da ciência ou da chamada sociedade do conhecimento.

Muitas pessoas, uma vez tendo acessado os conhecimentos da ciência atual, já não podem adotar doutrinas, símbolos ou relatos místicos como a liga que fundamenta o sentido de sua vida nem sua dimensão religiosa profunda. Não é má vontade, ou orgulho: é incapacidade epistemológica (a cabeça deles funciona de outra forma, de uma forma incompatível com os axiomas tradicionais dos saberes místicos). E trata-se de uma transformação irreversível: não é que não queiram, é que já não podem voltar para trás. Não podem deixar de se sentirem como sujeitos com dignidade, que decidiram atrever-se a pensar (*sapere aude*), e que sentem que uma religião que lhes nega esta dimensão de humanização tampouco seria digna do ser humano.

O conflito das religiões com o pensamento livre e crítico não é de agora, nem do século de Galileu. Vem de mais longe, talvez dos tempos dos primeiros pensadores gregos, há 25 séculos. Pensa-se que foi contra Protágoras o primeiro auto de fé de que se tem notícia histórica: seus livros foram queimados, em praça pública, após haver escrito *Sobre os Deuses*, no ano 416 A.C. (há 2600 anos!). As explicações científico-filosóficas, dos filósofos “físicos” (jônicos) da época, deixaram os adivinhos e o clero sem base e sem clientes, levando a uma perseguição da filosofia. Parece que foi com Platão com quem se estabeleceu, pela primeira vez, a perseguição do pensamento “científico”: Platão propõe uma legislação muito dura contra o ateísmo (as explicações meramente naturais) e a “impiedade” (desacato aos deuses, que ele associava a esse tipo de pensamento racional). Em *As Leis*, Platão propõe que ateus e ímpios sejam castigados com o isolamento, a reeducação e caso não se arrependam,

a pena deveria ser a morte. Em uma só tacada, Platão inventa a intolerância religiosa, a Inquisição e os campos de concentração. Todo o esforço do pensamento grego nos primeiros séculos foi frustrado com o triunfo da intolerância platônica, que foi abraçada pelo Cristianismo.

A Idade Média foi um túnel de obscurantismo, fantasmas e superstições, de medo e de falta de liberdade. Foi com o Renascimento que a humanidade ocidental pôde se reconectar com aquele sopro de liberdade espiritual que alentou pela primeira vez no mundo jônico, e o fez a partir de uma plataforma ainda mais pura que a filosofia: a da ciência experimental. Evitando, ao máximo possível, o perigo do subjetivismo, o Ocidente se propôs a reconstruir seu conhecimento abrindo os olhos com sinceridade, sem medo e sem mitos. Era o projeto da ciência moderna, de cujo método Galileu foi um dos precursores. Hoje a Ciência não representa simplesmente um recurso a nosso serviço, e sim uma nova forma de ser e de estar no mundo. Uma nova forma de sermos humanos. Um novo estado de consciência. O ser humano moderno está marcado profundamente pela Ciência, que passou a fazer parte de seu ser. Pelo contrário, a submissão a crenças ou tradições místicas, à margem da (ou contra!) a Ciência, por mais veneráveis que sejam, não é aceitável. A humanidade reivindica como inalienável o direito e o prazer de conhecer (não o de supor, imaginar, crer...), como uma aventura comunitária, cooperativa, hereditária, que nos resgata do medo, da ignorância e da submissão e nos libera para confrontar nossa responsabilidade diante da existência. Toda religião que não aceite estas novas regras do jogo desta recém-começada nova etapa da evolução da humanidade, e que não adapte todo seu patrimônio simbólico a estes novos moldes da consciência humana, será superada. O pensamento mítico e as religiões inquisidoras, provavelmente têm ainda muito tempo a frente na história. Mas já são incontáveis os herdeiros de Galileu, pai da ciência moderna. Miguel Servet, ícone da defesa da liberdade de pensamento e Etienne Dolet, que empunhou a bandeira do livre pensamento europeu... apostaram no fim do medo e da escuridão e abraçaram uma atitude religiosa que não cerceasse sua liberdade de pensamento. 400 anos depois, segue aí o caminho aberto por Galileu, e 2016 é uma boa ocasião para celebrá-lo.

